

# PORTUGUÊS

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **01** a **03**.

E existe um povo que a bandeira empresta  
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! Mas que bandeira é esta.  
Que impudente na gávea tripudia?!...  
Silêncio!... Musa! Chora, chora tanto  
Que o pavilhão se lave no seu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra,  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu, que da liberdade após a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança,  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o *brigue imundo*  
O trilho que Colombo abriu na vaga,  
Como um íris no pélago profundo!...  
... Mas é infâmia demais... Da etérea plaga  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...  
Andrada! Arranca este pendão dos ares!  
Colombo! Fecha a porta de teus mares!

(Castro Alves, *Navio negreiro*.)

**1**

Nessas três estrofes que encerram o poema de Castro Alves, o poeta (enunciador do texto) mantém um tom de indignação diante do que vê, qual seja, a cena de negros sendo transportados desumanamente em um navio para serem vendidos como escravos. Com base nisso, responda:

- Na 1.<sup>a</sup> estrofe, quais são as duas palavras por meio das quais o enunciador caracteriza a cena que vê?
- Ainda na 1.<sup>a</sup> estrofe, por que o enunciador refere-se à bandeira? Por que motivo caracteriza-a como *manto impuro de bacante fria*, no 4.<sup>o</sup> verso dessa mesma estrofe?

## Resolução

- As palavras são "infâmia" e "cobardia".
- Porque a bandeira denuncia o povo que patrocina a escravidão. Ocorre aqui uma metáfora depreciativa, em que a pátria, simbolizada pela bandeira, é equiparada a uma prostituta ou a uma mulher devassa que, friamente, participa de uma bacanal, envolvida no "manto impuro" (novamente a bandeira).

**2**

Na 2.<sup>a</sup> estrofe, o enunciador do texto identifica o povo a quem pertence a bandeira que está hasteada na gávea (mastro real) do navio. Tomando por base essa 2.<sup>a</sup> estrofe:

- Identifique dois sinônimos empregados pelo enunciador em substituição ao vocábulo "bandeira". Identifique ainda um terceiro termo, em sentido metafórico, empregado para designar e qualificar a mesma bandeira.
- Que figura de linguagem é utilizada pelo poeta no 2.<sup>o</sup> verso dessa estrofe? Em que consiste essa figura?

**Resolução**

- "Pendão" e "estandarte" são os sinônimos de bandeira. "Mortalha" é a metáfora que descreve a função que teria essa bandeira no destino dos negros trazidos ao Brasil como escravos. (Mortalha, segundo o Dicionário Houaiss, é "pano ou vestimenta com que se envolve o cadáver de pessoa que será sepultada".)*
- No segundo verso o poeta sugere o movimento da bandeira ao vento por meio de uma aliteração que é das mais famosas e das mais felizes da língua: "Que a brisa do Brasil beija e balança". (Observe-se que no verso em questão há também uma prosopopéia: "...a brisa ...beija ...".)*

**3**

Na última estrofe do poema, o sujeito enunciador condena o brigue (antigo navio a velas) que transporta os negros escravos em direção ao Brasil. Para tanto, faz referência a fatos históricos. Partindo dessa idéia, responda:

- Qual é a relação, segundo o poeta, entre o navio negreiro e as naus de Colombo?
- Quem o poeta invoca para agir diante do que vê? O que pede para fazerem?

**Resolução**

- O poeta alude ao fato histórico de que Colombo navegou primeiramente pelas águas agora frequentadas pelo Navio Negreiro. É importante notar a relação antitética que aqui se estabelece: o Navio Negreiro ("brigue imundo") mancha, embaça o brilho ("iris") do caminho aberto por Colombo.*
- O poeta invoca dois heróis do "Novo Mundo" – Andrada e Colombo –, pedindo-lhes que, diante da realidade infame e vergonhosa que mancha o continente, desfaçam seus cometimentos históricos: Andrada, "patriarca da Independência", deve arrancar nossa bandeira (símbolo da Independência) dos ares e Colombo, aquele que abriu o caminho para a América, deve fechá-lo.*

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **04** a **06**.

— Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual D. Amância lhe oferecera um espelho e lhe dissera: "Ora mire-se!" a razão pela qual diante dele chamavam de meninos os moleques da rua. Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia-lhe brutalmente: "Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste, só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe, lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste!"

— Mas, replicava-lhe uma voz interior, que ele mal ouvia na tempestade do seu desespero; a natureza não criou cativos! Tu não tens a menor culpa do que fizeram os outros, e no entanto és castigado e amaldiçoado pelos irmãos daqueles justamente que inventaram a escravidão no Brasil!

E na brancura daquele caráter imaculado brotou, esfervilhando logo, uma ninhada de vermes destruidores, onde vinham o ódio, a vingança, a vergonha, o ressentimento, a inveja, a tristeza e a maldade. E no círculo do seu nojo, implacável e extenso, entrava o seu país, e quem este primeiro povoou, e quem então e agora o governava, e seu pai, que o fizera nascer escravo, e sua mãe que colaborara nesse crime. "Pois então de nada lhe valia ter sido bem educado e instruído; de nada lhe valia ser bom e honesto?... Pois naquela odiosa província, seus conterrâneos veriam nele, eternamente, uma criatura desprezível, a quem repelem todos do seu seio?..." E vinham-lhe então, nítidas à luz crua do seu desalento, as mais rasteiras perversidades do Maranhão; as conversas de porta de botica, as pequeninas intrigas que lhe chegavam aos ouvidos por intermédio de entes ociosos e abjetos, a que ele nunca olhara senão com desprezo. E toda essa miséria, toda essa imundícia, que até então se lhe revelava aos bocadinhos, fazia agora uma grande nuvem negra no seu espírito, porque, gota a gota, a tempestade se formara. E, no meio desse vendaval, um desejo crescia, um único, o desejo de ser amado, de formar uma família, um abrigo legítimo, onde ele se escondesse para sempre de todos os homens.

(Aluisio Azevedo, *O mulato*.)

**4**

O trecho do romance de Aluísio Azevedo revela a surpresa e a revolta de Raimundo ao saber que é filho de uma escrava, quando pede explicações de seu tio, Manuel Pedro da Silva, a respeito do motivo pelo qual lhe havia sido recusado o pedido de casamento com Ana Rosa, filha de Manuel.

- a) Qual é a palavra empregada por Manuel para caracterizar Raimundo e que lhe causa tamanho estupor? O que ela significa?
- b) Por que a personagem Raimundo diz, no 2.º parágrafo, que, a partir do momento em que sabe a verdade, entende a atitude das famílias de origem portuguesa com quem se relacionou ao chegar à cidade de São Luís?

**Resolução**

- a) *A palavra que tão profunda e traumaticamente repercute em Raimundo é mulato, que significa “filho de pai branco e mãe preta (ou vice-versa)”, conforme definição do Dicionário Houaiss. O sentido primitivo de “mula” faz lembrar a carga pejorativa, hoje abrandada, que a palavra já carregou quando aplicada às pessoas mestiças.*
- b) *Porque a revelação que tivera na conversa com o tio levava-o a compreender que a “frieza”, as “reticências”, a “reserva e a cautela”, ou então os gestos grosseiros (como o de Amância) deviam-se a preconceito contra negros e mestiços como ele.*

**5**

Logo após a morte de seu irmão, pai de Raimundo, Manuel Pedro enviou o então menino para Portugal para que fosse criado lá. Raimundo formou-se em direito na universidade de Coimbra, sendo considerado excelente aluno.

- a) Que passagem do texto mostra que o preconceito racial era superior ao reconhecimento de sua formação e caráter?
- b) Diante da situação aflitiva em que se encontrava, ao entender que era alvo de preconceito e que seu futuro seria a infelicidade, que sentimento passa a se apoderar de Raimundo?

**Resolução**

- a) *O trecho em questão é: “Pois então de nada lhe valia ter sido bem educado e instruído; de nada lhe valia ser bom e honesto?... Pois naquela odiosa província, seus conterrâneos veriam nele, eternamente, uma criatura desprezível, a quem repelem todos do seus seio?...”*
- b) *O desejo que se apodera de Raimundo é “de ser amado, de formar uma família, um abrigo legítimo, onde ele se escondesse para sempre de todos os homens”. Ou seja, Raimundo anseia por amor e proteção.*

Considere os recursos de linguagem utilizados no trecho do romance de Aluísio de Azevedo e responda:

- a) O narrador do texto reproduz a voz de quem? Que tipo de discurso é comum nesse contexto narrativo? Cite um exemplo desse tipo de discurso, retirando-o do texto.
- b) Contrariamente à condenação do racismo expressa no texto, é possível afirmar que, no último parágrafo, ao caracterizar a personagem Raimundo, o narrador acaba reforçando a positividade do branco e a negatividade do negro? Mostre isso por meio de trechos retirados do próprio texto.

#### Resolução

- a) *O narrador reproduz a voz da personagem Raimundo por meio do discurso indireto livre, cujas ocorrências são introduzidas, no discurso do narrador, sem emprego dos verbos dicendi, como "...a natureza não criou cativos! Tu não tens a menor culpa... inventaram a escravidão no Brasil", "Pois então de nada lhe valia ... a quem repelem todos do seu seio?..."*

*As aspas não são comuns na introdução do discurso indireto livre, mas são empregadas como uma cautela por Aluísio Azevedo (entre outros realistas), por serem uma novidade a que os leitores não estariam ainda acostumados. Os realistas brasileiros ainda manipulavam o discurso indireto livre com bastante timidez. Esse recurso de estilo só se tornaria corrente na ficção modernista.*

- b) *O narrador reforça o sentido positivo de branco na passagem "...na brancura daquele caráter...", em que o adjetivo é empregado para caracterizar psicologicamente, de forma favorável, a personagem Raimundo. O sentido negativo de negro ocorre em "...grande nuvem negra", expressão que descreve a depressão que se abate sobre o espírito da personagem em decorrência da dura revelação que o surpreendera.*

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **07** e **08**.

(...) logo de início uma discriminação se impõe: entre a influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo. "Em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativo", escreveu Joaquim Nabuco em 1881. Admiráveis palavras para terem sido escritas na mesma época em que Oliveira Martins sentenciava em páginas gravíssimas: "Há decerto, e abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropologicamente inferior, não raro próximo do antropóide, e bem pouco digno do nome de homem."

Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro por si, que apreciamos. Ruediger Bilden pretende explicar pela influência da escravidão todos os traços de formação econômica e social do Brasil. Ao lado da monocultura, foi a força que mais afetou a nossa plástica social. Parece às vezes influência de raça o que é influência pura e simples do escravo: do sistema social da escravidão. Da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos. O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase da vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do índio, sempre movediço.

Goldenweiser salienta quanto é absurdo julgar-se o negro, sua capacidade de trabalho e sua inteligência, através do esforço por ele desenvolvido nas plantações da América sob o regime da escravidão. O negro deve ser julgado pela atividade industrial por ele desenvolvida no ambiente de sua própria cultura, com interesse e entusiasmo pelo trabalho.

Do mesmo modo, parece-nos absurdo julgar a moral do negro no Brasil pela sua influência deletéria como escravo. Foi o erro grave que cometeu Nina Rodrigues ao estudar a influência do africano no Brasil: o de não ter reconhecido no negro a condição absorvente de escravo. "Abstraindo pois", escreve ele às primeiras páginas de seu trabalho sobre a raça negra na América Portuguesa, "da condição de escravos em que os negros foram introduzidos no Brasil e apreciando as suas qualidades de colonos como faríamos com os que de qualquer outra procedência, etc." Mas isto é impossível. Impossível a separação do negro, introduzido no Brasil, de sua condição de escravo.

(Gilberto Freire, *Casa-grande & senzala*.)

**7**

O livro de Gilberto Freire, do qual foi extraído o trecho acima, publicado inicialmente em 1933, interpreta o passado colonial brasileiro para discutir a identidade de nossa sociedade. Com base na leitura desse trecho, responda:

- a) No 1.º parágrafo, qual é a diferença apontada pelo autor entre o pensamento de Joaquim Nabuco e o de Oliveira Martins, por meio das duas frases citadas de cada um deles?
- b) Segundo Freire, de que ponto de vista sempre se considera a influência do negro sobre a vida do brasileiro?

**Resolução**

- a) *Gilberto Freire aponta em Joaquim Nabuco um pensamento progressista e em Oliveira Martins um pensamento retrógrado. Para Joaquim Nabuco, o elemento que degradou a população negra não foi a sua raça, mas o cativo a que essa raça foi reduzida. Oliveira Martins não faz essa distinção, considerando o negro como um "tipo antropologicamente inferior" pelo simples fato de ser negro.*
- b) *Do ponto de vista da condição do negro como escravo, e não do negro "no ambiente de sua própria cultura, com interesse e entusiasmo pelo trabalho" – ou seja, como homem livre.*

**8**

Observe ainda o texto de Gilberto Freire para fazer o que é solicitado.

- a) Explique a afirmação do autor de que o negro foi "deformado" pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, quando se pretende abordar a formação econômica e social do Brasil.
- b) Identifique no último parágrafo um pronome que é utilizado por Freire para retomar uma referência feita a Nina Rodrigues.

**Resolução**

- a) *Segundo o texto, por um lado, a escravidão deformou o negro e, naturalmente, a sua relação com a sociedade no Brasil; por outro, o escravo, como elemento ativo, foi responsável pelo sucesso da monocultura em terras brasileiras. Em suma, o negro integra de forma essencial duas instituições que moldaram o perfil socioeconômico do Brasil: a escravidão e a monocultura.*
- b) *O pronome "ele" ("escreve ele") refere-se a Nina Rodrigues. O pronome demonstrativo "isto" ("Mas isto é impossível") retoma o argumento de Nina Rodrigues.*

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **09** e **10**.

A boca era de Sérgio Dezenove, também conhecido como Grande, bandido famoso em todo o Rio de Janeiro pela sua periculosidade e coragem, pelo seu prazer em matar policiais. Grande também fora morador da extinta favela Macedo Sobrinho, mas não foi morar em Cidade de Deus, porque achava que ali seria muito fácil a polícia o encontrar. Gostava de morro, de onde se pode observar tudo de sua culminância. Havia se escondido em quase todo o Rio de Janeiro, dos morros da Zona Sul até a Zona Norte, mas a polícia já o encontrara em todos eles. Por esse motivo, chegara ao morro do Juramento, no subúrbio da Leopoldina, dando tiro em tudo quanto era bandido, derrubando barraco aos pontapés, gritando que quem mandava ali agora era o Grande: o Grande que tomou a maioria das bocas-de-fumo dos morros da Zona Sul; o Grande de quase dois metros de altura, com disposição para encerrar cinco ou seis homens na mão de uma só vez; o Grande que tinha uma metralhadora conseguida na marra de um fuzileiro naval em serviço na praça Mauá; o Grande que teve sangue-frio para cortar o seu próprio dedo mindinho e colocá-lo num cordão; o Grande que matava policiais por achar a raça a mais filha da puta de todas as raças, essa raça que serve aos brancos, essa raça de pobre que defende os direitos dos ricos. Tinha prazer em matar branco, porque o branco tinha roubado seus antepassados da África para trabalhar de graça, o branco criou a favela e botou o negro para habitá-la, o branco criou a polícia para bater, prender e matar o negro. Tudo, tudo que era bom era dos brancos. O presidente da República era branco, o médico era branco, os patrões eram brancos, o vovô-viu-a-uva do livro de leitura da escola era branco, os ricos eram brancos, as bonecas eram brancas e a porra desses crioulos que viravam polícia ou que iam para o Exército tinha mais era que morrer igual a todos os brancos do mundo.

(Paulo Lins, *Cidade de Deus*.)



9

A partir da temática abordada pelo texto, responda:

- a) Qual é o problema social central dos morros cariocas, retratado pelo texto de Paulo Lins?
- b) Por que a personagem Grande nutre ódio pelos policiais e pelos brancos?

**Resolução**

- a) *O texto de Paulo Lins retrata a violência presente nos morros cariocas, fruto da luta pelo domínio das "bocas-de-fumo", ou seja, dos pontos de venda de drogas. Pode-se entender, porém, que esse problema é consequência de uma desigualdade social extrema, denunciada pela oposição simplista que o narrador faz entre brancos e negros.*
- b) *Grande nutre ódio pelos policiais porque crê que eles servem aos brancos, protegendo a riqueza destes, à custa da opressão do negro. Ele tem raiva dos brancos porque acha que eles tinham roubado os africanos, submetendo os descendentes destes a péssimas condições de vida.*

10

Com relação a questões de linguagem presentes no texto de Paulo Lins, responda:

- a) Como deve ser entendida a palavra boca na frase que inicia o trecho do romance de Paulo Lins reproduzido: *A boca era de Sérgio Dezenove ...?*
- b) Seria correto afirmar que o enunciador do texto vale-se, na maioria das vezes, da reprodução da modalidade oral da língua para construir seu discurso? Justifique sua resposta por meio de exemplos retirados do texto.

**Resolução**

- a) *A palavra boca significa, dentro do contexto de Cidade de Deus, ponto de venda de drogas. Trata-se de jargão típico do Brasil, utilizado principalmente por traficantes e usuários de drogas.*
- b) *O enunciador do trecho de Cidade de Deus chega a se utilizar de termos comuns na modalidade oral, como gírias ("boca" ou "bocas-de-fumo"), expressões chulas ("a raça mais filha da puta", "porra desses crioulos") ou mesmo construções típicas do coloquial brasileiro ("tinha mais era que morrer"). Entretanto, predomina o uso do padrão culto, o que se percebe pelo emprego do pretérito mais-que-perfeito em sua forma simples ("fora morador", "chegara ao morro"), uso de nexos lógicos ("não foi morar em Cidade de Deus, porque achava que ali seria muito fácil a polícia o encontrar"), obediência às normas de colocação pronominal e de uso de pronomes oblíquos átonos ("já o encontrara antes"), apego à regência culta ("Tinha prazer em matar branco", "chegara ao morro"), além da utilização de anáforas ("O Grande que tomou (...); o Grande de quase dois metros de altura (...); o Grande que tinha uma metralhadora").*

## REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia os textos a seguir:

O sistema de cotas para negros não é uma panacéia, mas um remédio amargo, necessário em fases de transição. A opinião é do secretário de Combate à Discriminação Racial do PT, Martvs (pronuncia-se Martius) Chagas. De acordo com Chagas a visão "monocromática" que se costuma ter no Brasil impede de reconhecer que a pobreza, aqui, coincide com a cor da pele negra, e portanto, as iniciativas governamentais devem ter um caráter racial. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Chagas, de 35 anos, é cotado para ocupar o cargo de secretário nacional de Promoção da Igualdade Racial, cuja criação foi anunciada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva na segunda-feira. Em entrevista ao "Estado", ele diz que as cotas não serão a única medida nessa área, e que a promoção dos negros envolverá todos os órgãos do governo.

Estado – O sistema de cotas para negros seria uma solução de curto a médio prazo?

Chagas – Exatamente. Não é uma panacéia que solucionará os graves e agudos problemas enfrentados historicamente pelos negros no Brasil. Mas servirá de denúncia e de aporte a outras medidas na área governamental, que envolverão todos os órgãos e dirão respeito a 46% da população deste país. Ao contrário do que muitos dizem, não se trata de reserva de mercado. Trata-se de atender a uma grande parcela da população brasileira, não a um nicho de privilegiados.

Estado – O Brasil tem muitos brancos pobres, que também estudam em escolas públicas e enfrentam os mesmos problemas que os negros pobres. Como o sr. acha que eles reagirão?

Chagas – As estatísticas não confirmam a sua afirmação. Segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e o Censo de 2000, do total de pobres, 64% são negros. Da população indigente, 69% são negros. Não há tantos brancos pobres assim. É lógico que, num país totalmente desigual como este, tem que ser levado em consideração que qualquer ação governamental voltada para os pobres terá cor e raça.

(O Estado de S.Paulo, 16.02.2003.)

\*

(...) O argumento mais conhecido para a criação de cotas é que os escravos foram libertados sem nenhuma indenização, e lançados numa situação de miséria e discriminação que até hoje afeta seus descendentes. O diagnóstico é certo, mas a genética mostra que boa

parte dos afetados por essas gerações de miséria são pessoas hoje vistas como “brancos”.

Pode-se dizer que as cotas não devem compensar pelo passado, mas garantir oportunidades no presente em que a cor da pele faz diferença na hora de entrar na fila e procurar emprego. Nesse caso, é preciso definir a partir de que tonalidade alguém se torna negro. A resposta será uma em Salvador e outra no interior do Rio Grande do Sul. Pior, não há critério para desempate. “Raça”, em seres humanos, não é conceito científico – como chegou a sugerir o então candidato a presidente Lula, num debate na TV Globo no ano passado –, mas mera interpretação cultural.

(*Época*, 17.02.2003.)

\*

O primeiro dia de inscrição do vestibular da Universidade de Brasília (UnB) deu uma amostra do quanto o sistema de cotas ainda provoca polêmica entre os candidatos – sejam eles beneficiados ou não. A universidade, que pela primeira vez reservou 20% das vagas para negros, criou uma regra para evitar abusos. Ao fazer inscrição, candidatos que optam pelo grupo das cotas têm de tirar uma fotografia, que será avaliada por uma comissão.

“Existem 200 tipos de negros. Se eu não for aprovado, recorro à Justiça”, afirmou o estudante Ricardo Zanchet, de 18 anos, que pela terceira vez concorre a uma vaga para o curso de Química. O rapaz reconhece que seus traços nem de longe lembram os da raça negra. “Não importa.” Como forma de protesto contra o sistema de cotas, Zanchet pensou em ir com o rosto pintado de preto. “Mas pensei bem e percebi que teria minha inscrição indeferida. Não quis perder a chance.”

Viviane Ramos de Souza, de 17 anos, que é negra, contou ter pensado duas vezes antes de concorrer ao vestibular pelo sistema. Candidata ao curso de Jornalismo, a estudante disse temer sobretudo a discriminação dos colegas, no caso de ser aprovada no vestibular. “Errei ao preencher a inscrição e resolvi arriscar.” Para ela, o sistema de cotas é em parte injusto, porque impede que candidatos mais bem preparados sejam aprovados.

Não é o que pensa Anderson Rosa Nascimento, de 20 anos. Ele está convicto de que tal sistema poderá reparar injustiças históricas e ampliar a participação de negros no mercado de trabalho. Principalmente em profissões em áreas valorizadas, como Medicina e Direito. “Precisamos aumentar essa participação, para ter mais influência nas decisões do País.” A estudante Edimarcia Ramos Araújo também não tem dúvidas de que as cotas são um instrumento para reparar injustiças.

(*O Estado de S.Paulo*, 13.04.2004.)

## PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos textos apresentados e de outras que já tenha feito sobre o assunto, escreva um texto dissertativo que deverá ter o seguinte título:

O SISTEMA DE COTAS PARA NEGROS  
NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS.

Sua redação deverá ser redigida em prosa e obedecer aos padrões da norma culta do português do Brasil.

### Comentário sobre a Redação

*A Banca Examinadora convidou o candidato a debruçar-se sobre uma das questões mais debatidas da atualidade: o sistema de cotas para negros nas universidades brasileiras. Para além de posicionar-se em relação à legitimidade desse sistema de cotas, o candidato deveria reconhecer o mérito da discussão em torno da exclusão social que há séculos vem vitimando os negros, limitando suas oportunidades e perpetuando o estigma que os persegue desde a escravidão. Caberia, a partir dessa constatação, selecionar, dos textos oferecidos como subsídios, as informações e opiniões que fossem ao encontro de seu ponto de vista. Caso apoiasse a reserva de vagas, o candidato poderia valer-se da opinião do Secretário de Combate à Discriminação Racial do PT, Martins Chagas, que, embora reconhecendo o caráter paliativo das cotas, defende sua aplicação como forma de "promoção dos negros", que hoje têm vasta representatividade na porcentagem de pobres e indigentes do país. Outro argumento apropriado para reforçar o apoio às ações afirmativas seria a avaliação das cotas como "instrumento para reparar injustiças históricas", opinião compartilhada por aspirantes a uma vaga na Universidade de Brasília.*

*Optando por contestar as cotas, o candidato poderia questionar os critérios adotados, quer pelo mercado de trabalho, quer pelas universidades, para determinar a raça de alguém – tarefa complexa, dificultada pelo fato de o Brasil ser um país miscigenado. Daí a polémica em torno da recente decisão, por parte da UnB, de destinar 20% de suas vagas para os candidatos que a instituição – empregando métodos discutíveis – julgasse negros. Outro aspecto a ser levado em conta seria a própria relutância de alguns pré-vestibulandos negros, por temerem a inevitável discriminação decorrente de uma suposta "usurpação" de vagas que, pelo critério do merecimento, seriam preenchidas pelos mais bem preparados. Como saída para tal impasse, seria apropriado remeter o leitor à raiz da desigualdade, a saber, o restrito acesso à educação de qualidade, que acaba por impedir os estudantes negros de disputar, com dignidade, uma vaga no ensino superior.*

## Comentário da Prova

*Prova excelente, digna da tradição dos vestibulares de Português da Unesp. Todas as questões exploram a capacidade de leitura, compreensão e redação dos candidatos, sem se voltarem para análise gramatical ou informações de história literária, que pouco revelariam da verdadeira formação dos candidatos e de suas reais condições para seguir com proveito um curso universitário.*

*O tema e os textos da prova dificilmente poderiam ser mais bem escolhidos.*